

EDULETTERS

As Cinco Gerações da Avaliação

Luís Gonçalves | luisgoncalves@ext.marista-lisboa.org

1

Diz-me como avalias e dir-te-ei quem és como professor e como pessoa.

Miguel Santos Guerra

O presente texto eleger como objeto uma breve apresentação e sistematização das cinco gerações de avaliação pedagógica atualmente consideradas na literatura especializada. A avaliação educacional aparece associada aos vários momentos históricos e à história do pensamento, das representações sociais e das ciências da educação.

Existe, assim, uma associação à trajetória histórica e social dos modelos/gerações de avaliação. Podemos, assim, concluir que avaliar está associado à história da atividade humana. No campo da educação, a avaliação deve estar compreendida entre o processo de ensino e de aprendizagem e fazer destes dois polos complementares objetos específicos de análise, compreensão e avaliação.

Para os autores Guba e Lincoln (1994), a avaliação passou por quatro fases/gerações: medida, descrição, julgamento e negociação.

Nos últimos tempos e, presentemente, é invocada uma quinta geração de avaliação educacional, denominada de avaliação social.

A primeira geração (medir) tem uma forte influência positivista. O tratamento estatístico dos dados e a quantificação das observações sociais revela o interesse pelo estudo dos resultados dos exames e as condições onde se realizam.

Nesta geração destacam-se Francis Galton, primo de Charles Darwin onde a ideia de eugenia defendia as capacidades inatas entre os indivíduos, relegando para segundo plano os fatores sociais e culturais que formam a personalidade.

Outros dois nomes ligados a esta geração de avaliação são Alfred Binet e Theodore Simon que desenvolvem as escalas para medir a inteligência das crianças, introduzindo o conceito de idade mental.

Nesta geração predominava o propósito de selecionar e hierarquizar os estudantes. O avaliador era apenas um técnico que deveria dominar tais instrumentos de medição e desenvolver o seu trabalho de forma supostamente objetiva, como era tradição nas ciências naturais e experimentais. O lugar do aluno era um objeto medível e passivo. O processo ensino-aprendizagem estava centrado no professor e na sua palavra, as falhas eram da responsabilidade do aluno. O teste era o instrumento privilegiado, o erro só servia para a classificação, não sendo visto como uma dificuldade a superar.

A segunda geração é a da descrição. Apesar de ter alguma relação com a anterior, preconiza uma conceção mais ampla. O nome que mais se destaca é o de Ralph Tyler, pois vai contribuir para o desenvolvimento de testes, que mediam se os estudantes aprenderam o que o seu professor (supostamente) tinha ensinado. Era pretendido nesta segunda geração, comparar os objetivos pretendidos, com os objetivos alcançados, sendo esta comparação a principal fonte de avaliação. Os resultados deveriam melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Ralph Tyler vai insistir que o currículo deve ser organizado em volta dos objetivos e que estes são a base da planificação e a referência central para preparar os exames. O que se aprendia para além do programado e ensinada (designadamente ao nível do currículo oculto) não era considerado relevante.

A avaliação ganha uma dimensão pedagógica, surge uma avaliação formativa com função reguladora, mas pontual. Tem a função de resolver o que já passou, é por isso limitada e era reativa e não preventiva. Além disso, mantinha a dimensão seletiva com o alvo nos resultados finais.

A terceira geração (julgamento) abandona o enfoque no resultado e centra-se no processo.

Questiona, assim, os testes padronizados e a ideia de medida. A sua preocupação é julgar, o avaliador assume o papel de juiz. Vianna (1997) ressalta a importância do juízo de valor, ao observar e julgar, está a avaliar. Era necessário julgar (isto é elaborar um juízo de valor) sobre o conjunto de dimensões do objeto mais do que medir e descrever.

Para Luckesi (2005) “a prática de provas e exames exclui parte dos alunos, por basear-se no julgamento, a avaliação pode incluí-los devido ao facto de proceder por diagnóstico, e por isso,

pode oferecer-lhes condições de encontrar o caminho para obter melhores resultados na aprendizagem”. A avaliação coloca na mão do professor a decisão mais acertada, por isso, o principal agente de regulação é o professor.

A quarta geração (negociação) inicia-se na década de noventa do século XX. Esta é fortemente influenciada pelas tecnologias de informação e comunicação, o que valoriza e potencia o diálogo, e possibilita a participação individual e coletiva entre todos os intervenientes na construção do conhecimento. É por isso designada por “negociação”. Tenta integrar e consensualizar múltiplas dimensões (técnicas, políticas, socioculturais e contextuais).

Álvaro Méndez (2002) reforça a importância do diálogo na avaliação formativa e convoca a avaliação não para classificar, mas para conhecer. O diálogo é um meio para o conhecimento, para esse diálogo são convocados quem ensina e quem aprende. O diálogo assume o papel de método pois os dois intervenientes são sujeitos do ato de conhecimento.

Concluindo, a quarta geração, deixa de se reger por procedimentos inflexíveis e normalizados, afastando-se da perspectiva positivista e assumindo características construtivista. Deixa de ser um processo de medida, não pode ser meramente assente no currículo e nos objetivos. Tem o foco na aprendizagem, não se limitando a ser uma técnica e as práticas de avaliação têm como função assistir as aprendizagens. Nesta quarta geração, aparece também uma função informativa para os pais.

A quinta geração é designada de Avaliação Social. Esta avaliação tem as suas raízes na área económica e neste caso concreto está ligado à economia solidária. A partir dos meados do século XIX e princípios do século XX começam a desenvolver-se objetivos sociais muito ligados à solidariedade. Mesmo em Portugal assistimos ao nascimento de algumas instituições que preconizavam esse fim.

O objetivo de transpor estes valores sociais da economia para a educação, originou a necessidade do emprego de novos instrumentos e recursos pedagógicos. Os dois nomes de referência desta avaliação são Bouchard e Fontan (1998). Para estes autores a avaliação deveria assumir um forte compromisso social que se sustentava na cooperação e solidariedade que já não pode comportar concepções individualistas. Será um projeto a longo prazo.

Lund (2013) defende também que esta nova geração de avaliação está em construção e deve ter como objetivo a construção de um mundo melhor.

Esta quinta geração de avaliação é mais exigente, pois o “avaliador tenta perceber o que está nas entrelinhas, o que não foi dito, mas apenas subentendido (...) que o próprio indivíduo desconhece” (Rodrigues e Araújo).

O papel do avaliador nesta quinta geração é o de selecionador prévio de metas e de planejar atividades e contextos que favoreçam uma aprendizagem de relevância pessoal e social. Tem um papel formativo que parte de uma abordagem prospetiva e de auxílio na tomada de decisão. Quanto ao avaliado é ativo e participativo, analisando, avaliando e criticando.

As cinco gerações de avaliação revelam uma evolução que corre paralelamente à sociedade. Como referi anteriormente, a evolução da avaliação e da própria escola é consequência do que vai mudando na sociedade. Apesar disso a avaliação e a escola mantém ainda modos de avaliar em que o objetivo não é o da aprendizagem, podendo constatar-se uma possível coexistência das 5 gerações, neste início do século XXI e verificando-se ainda um peso expressivo da *medida, da comparação, da seleção e da hierarquização*. O que pode revelar que a escola continua, na prática, a assumir estas funções em detrimento de uma avaliação dialógica, participativa, desenvolvimentista. Veja-se o exemplo dos exames nacionais e da mimetização que muitas vezes se faz destes, nos testes, nas questões de aula, nas provas e em outros trabalhos. E aqui chegados surge a inevitável questão: quais as razões deste predomínio? Que fazer para que a avaliação pedagógica se assuma na prática como um elemento fundamental de regulação das aprendizagens, ao serviço da equidade, da justiça, e do desenvolvimento de todas as pessoas? Mas estas questões já seriam motivo para uma outra Eduletter.

-Estamos aqui sentados debaixo da árvore sagrada da sua família.

Pode-me dizer qual o nome dessa árvore?

- *Porquê?*

-Porque gosto de conhecer o nome das árvores.

- *O senhor devia saber era o nome que a árvore lhe dá a si.*

Mia Couto, Contos do nascer da terra

Referências bibliográficas:

Bouchard, Marie et Fontan, J.-M. (1998). L'économie sociale à la loupe. Problématique de l'évaluation des entreprises de l'économie sociale, Présenté au 66e congrès de IACFAS. 17p.

Couto, Mia;(2019) Contos do Nascer da Terra; Alfragide; Caminho

Guba, E e Lincoln. Y. (1994). Competing paradigm in qualitative research, in Norman Dezin e Yvonna Lincoln (Ed.s). *Handbook of qualitative research*. London:Sage

Pinto, J. (2016). A avaliação em educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas. In L. Amante & I. Oliveira (Coords.). *Avaliação das aprendizagens: perspetivas, contextos e práticas* (pp. 3-40). Lisboa: Universidade Aberta-LE@D.

Santos, L., Pinto, J., Rio, F., Pinto, F., Varandas, J., Moreirinha, O., Dias, P., Dias, S., & Bondoso, T. (2010). Avaliar para aprender. Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário. *Porto: Porto Editora*.

https://www.perfeval.pol.ulaval.ca/sites/perfeval.pol.ulaval.ca/files/publication_158.pdf, consultado na data 18 de maio de 2021.

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24602/3/2015_eve_mssrodrigues.pdf, consultado na data 18 de maio de 2021

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5495273/mod_resource/content/3/Avaliac%CC%A7a%CC%83o%20da%20aprendizagem%20escolar%20-%20Um%20ato%20amoroso%20LUCKESI.pdf, consultado na data 18 de maio de 2021

https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=k_zxEUst46UC&oi=fnd&pg=PA20&dq=guba+and+lincoln,+1989+pdf&ots=-46qicTHV&sig=aH0eNCQGiuUrfQuuv6RJh7zabu8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

<https://semanaacademica.com.br/system/files/artigos/trabalho04.pdf>